

Millennium
FESTIVAL
AO LAR
GO²₄



11 | **01**
JUL | AGO

Conselho de Administração do OPART

Conceição Amaral

Presidente

Rui Morais

Vogal

Sofia Meneses

Vogal

Direção Artística do Festival

Carlos Prado

Companhia Nacional de Bailado

Ivan van Kalmthout

Teatro Nacional de São Carlos

Rui Lopes Graça

Estúdios Victor Córdon

Apresentação do Festival

Jorge Rodrigues e Inês Thomas Almeida (19, 20, 26 e 27 de julho)

LARGO DE SÃO CARLOS

UM LARGO DE LIBERDADE

AO LARGO, EM LIBERDADE, OLHANDO PARA O FUTURO

Neste ano em que festejamos os 50 anos do 25 de Abril, nunca será demais sublinhar que no Millennium Festival ao Largo as alegrias da música e da dança sempre se viveram em plenitude e liberdade totais. Em que outro espaço de Lisboa, de facto, os corpos e os sons da música se uniram deste modo aos sons da cidade e às suas gentes e em que o acesso gratuito sempre foi incondicionalmente alargado a todos?

Nas suas próximas edições, o Millennium Festival ao Largo vai alargar-se a outros espaços devido às profundas obras de requalificação a que será submetido o Teatro Nacional de São Carlos. Durante algum tempo, o nosso emblemático Largo cheio de história e de recordações deixará, pois, de ser o lugar da festa estival da música que o Opart realiza anualmente desde 2009. A saída do Largo de São Carlos não será seguramente um afastamento da nossa missão. O Teatro Nacional de São Carlos vai renovar-se como todas as realidades precisam de o fazer para

se reinventarem. O Millennium Festival ao Largo de 2024 será, pois, uma continuidade virada para o futuro, que é o que verdadeiramente interessa, pois ele é sempre portador do rejuvenescimento imparável do mundo.

A juventude será, como sempre, uma das grandes forças motoras deste Festival. Desde logo, a iniciar e a encerrar a programação: na abertura, com as apresentações da Companhia Nacional de Bailado, uma companhia que se mantém eternamente jovem, apelando a linguagens dinâmicas, a criadores pujantes e a jovens intérpretes; no encerramento, com a apresentação dos Estúdios Víctor Córdon que, com a VII edição do *Território*, continuam a propor programas e vivências verdadeira e intrinsecamente viradas para o futuro. A juventude estará também presente em outras importantes iniciativas, como o concerto *Jovens Talentos* e a abertura, pela primeira vez no Millennium Festival ao Largo, aos que se iniciam neste mundo mágico da música e da dança, com o

programa Famílias ao Largo, *ateliers* dedicados às crianças e famílias, dinamizados pela Companhia Nacional de Bailado e pelo Coro do Teatro Nacional de São Carlos, em parceria com a Academia de Amadores de Música.

O Millennium Festival ao Largo continuará também a ser um espaço de abraços musicais. Eles prosseguirão com o convite habitual a outras instituições nacionais e internacionais. A apresentação da Orquestra Gulbenkian está aí para o provar, bem como o concerto *Música do Mundo* com a participação do Ketuk Quartet e das Batucadeiras das Olaias. Este abraço fraterno vai, porém, alargar-se este ano pela primeira vez a grandes produções de ópera que nos chegam de palcos internacionais, como acontecerá com as *Noites Verdi*, em que serão transmitidos espetáculos gravados ao vivo no Teatro Real de Madrid, onde se poderão ver e ouvir as óperas *La traviata*, *Il trovatore* e *Nabucco*. A Península Ibérica, pois, abraçada no

nosso Largo. Esta ligação ibérica será complementada com a inclusão de música de Manuel de Falla na programação dos concertos.

Como sempre, os dois grandes agrupamentos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos – a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos – não deixarão de brilhar com uma grande apresentação, neste caso a interpretação na íntegra, em versão de concerto, da ópera *Cavalleria rusticana* de Pietro Mascagni, obra emblemática inauguradora do *verismo*.

Um Festival e um Largo em que a música e a dança poderão assim, uma vez mais, ser desfrutadas em total liberdade e plena alegria.



SEGUNDA

TERÇA

QUARTA

QUINTA

SEXTA

SÁBADO

DOMINGO

08 / 14 JUL

11 JUL — 22H

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

dança

12 JUL — 22H

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

dança

13 JUL — 10H
FAMÍLIAS AO LARGO
atelier para famílias

13 JUL — 22H

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

dança

14 JUL — 21H30

NOITES VERDI: LA TRAVIATA

projeção de ópera

15 / 21 JUL

16 JUL — 21H30

ORQUESTRA GULBENKIAN

música

17 JUL — 21H30

ORQUESTRA GULBENKIAN

música

19 JUL — 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

música

20 JUL — 10H
FAMÍLIAS AO LARGO
atelier para famílias

20 JUL — 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

música

21 JUL — 21H30

NOITES VERDI: IL TROVATORE

projeção de ópera

22 / 28 JUL

23 JUL — 21H30

KETUK QUARTET E BATUCADEIRAS DAS OLAIAS

música

24 JUL — 21H30

KETUK QUARTET E BATUCADEIRAS DAS OLAIAS

música

26 JUL — 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

ópera

27 JUL — 10H
FAMÍLIAS AO LARGO
atelier para famílias

27 JUL — 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

ópera

28 JUL — 21H30

NOITES VERDI: NABUCCO

projeção de ópera

29 JUL / 01 AGO

31 JUL — 22H

ESTÚDIOS VÍCTOR CORDON

dança

01 AGO — 22H

ESTÚDIOS VÍCTOR CORDON

dança

11, 12 E 13 JUL | 22H

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO (dança)

SINFONIA DOS SALMOS

Vasco Wellenkamp é um nome incontornável da dança portuguesa. Desenvolveu vários projetos que contribuíram para a trajetória da dança em Portugal nos últimos 50 anos, onde se destaca a criação da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, ao lado de Graça Barroso, em 1998, e a direção artística da CNB, entre 2007 e 2010. O seu legado é inigualável e a sua criatividade uma constante ebulição. Neste programa revisitamos *Sinfonia dos Salmos*, obra criada em 1992 para o Ballet Gulbenkian.

Vasco Wellenkamp

Coreografia

Igor Stravinski

Música

Vasco Wellenkamp, a partir dos originais de Paula Pinto

Figurinos

Ricardo Campos

Desenho de luz

Maria Mira

Miguel Ramalho

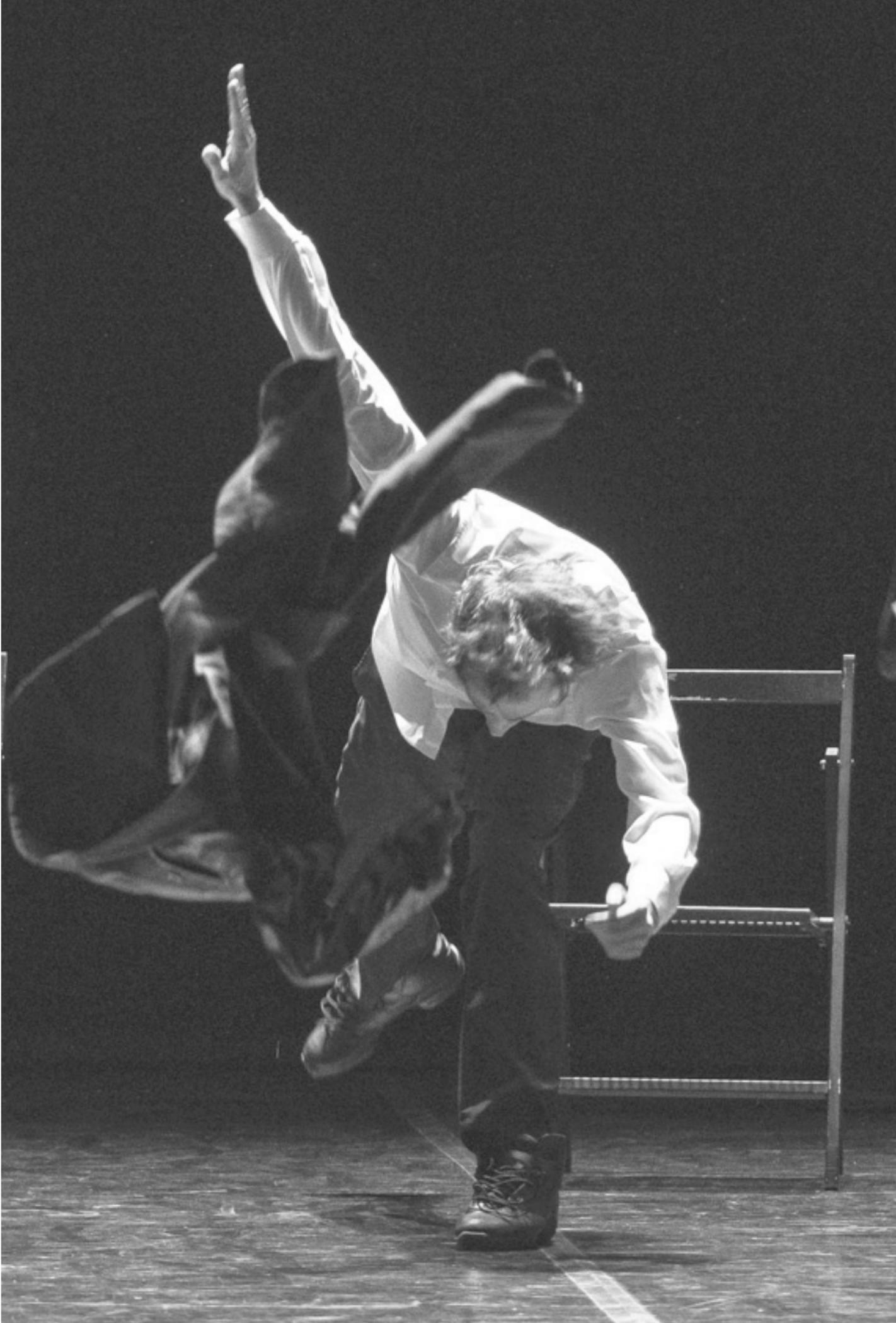
Assistentes do coreógrafo

Peggy Konik

Ensaíadora

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação



MINUS 16

Com uma partitura eclética que vai de Dean Martin ao *mambo*, do *techno* à música tradicional israelita, *Minus 16*, de Ohad Naharin, recorre à improvisação e ao aclamado método Gaga criado por Naharin, e que se baseia na compreensão e pesquisa de movimento, através da conexão entre corpo e mente.

Em *Minus 16*, Naharin partiu de peças anteriores para desenvolver uma nova obra, um trabalho de reorganização que, para o coreógrafo, cria possibilidades de olhar as suas obras de diferentes ângulos, ao mesmo tempo que confere uma coerência ao seu trabalho.

É com esta obra que se confirma a habilidade de Ohad Naharin em colocar o público a dançar.

Ohad Naharin

Coreografia e figurinos

Cha-Cha de Amor, canção popular arranjada por Dick Dale, Echad Mi Yodea com arranjos e interpretação de The Trator's Revenge e Ohad Naharin, Vivaldi – Nisi Dominus Psalm 126 R.608:4 Cum Dederit (Andante), canção de Harold Arlen com arranjos de Marusha, Asia 2001, Chopin – Nocturne Op. 9 n° 2 em Mi Bemol maior (Andante)

Música

Avi Yona “Bambi” Bueno

Desenho de luz

Ian Robinson, Matan David e Rachael Osborn

Remontagem coreográfica

Freek Damen, Peggy Konik e Rui Alexandre

Ensaíadores

Bailarinos e bailarinas da CNB

Interpretação

14 JUL | 21H30

NOITES VERDI*(projeção de ópera)***LA TRAVIATA**

As *Noites Verdi*, que trazem pela primeira vez ao Festival transmissões de espetáculos de ópera gravados em palcos estrangeiros (este ano do Teatro Real de Madrid), vão iniciar-se com *La traviata*, última obra da chamada Trilogia popular verdiana (que inclui ainda *Rigoletto* e *il trovatore*). Estreada em 6 de março de 1853, *La traviata* continua a ser um dos títulos mais amados de toda a produção lírica italiana romântica. Baseia-se no romance *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, Filho, e a sua figura central é Violetta Valéry, uma cortesã que vive uma tremenda e funesta paixão com o jovem burguês Alfredo Germont, relação amorosa considerada socialmente inaceitável na época. A obra termina com a morte de Violetta e veicula uma mensagem profundamente romântica, a da glorificação, pelo facto de muito amarem, de personagens excluídas pela moral vigente. A ópera contém alguns dos trechos mais populares de toda a obra Verdiana (o conhecido “Brindisi” do I Ato é prova disso) e o papel titular requer um soprano capaz do virtuosismo vocal mais estonteante (veja-se o final do mesmo I Ato) e da maior expressividade dramática durante todo o decorrer da obra. Tomando como heroína uma mulher que escolhe ser soberana do seu próprio corpo e da sua afetividade, *La traviata* é um poderoso e moderno hino à Liberdade.

Renato Palumbo*Direção musical***Giuseppe Verdi***Música***David McVicar***Direção de cena***Tanya McCallin***Cenografia e figurinos***Jennifer Tipton***Iluminação***Andrew George***Coreógrafo***Andrés Máspero***Direção de coro*

Teatro Real de Madrid, Gran Teatre del Liceu de Barcelona, Scottish Opera de Glasgow, Welsh National Opera de Cardiff

Coprodução

16 E 17 JUL | 21H30

ORQUESTRA GULBENKIAN*(música)***DE JOLY A RAVEL**

No ano do centenário de nascimento de Joly Braga Santos, a Orquestra Gulbenkian traz ao Festival um programa que ilustra a produção do compositor com duas obras escritas em fases e idades diferentes da sua vida: a *Abertura Sinfónica nº 2*, op. 11, composta na juventude (estreada em 1948, sob a direção de Pedro de Freitas Branco) e o *Staccato Brillhante*, op. 69 escrito no último ano de vida e penúltima obra do catálogo. Será também homenageado o mais importante e ilustre professor do compositor – Luís de Freitas Branco – com o *Scherzo fantástico*, obra com duração aproximada de 8 minutos, escrita em 1907. Permaneceu desconhecida durante todo o século XX, tendo tido a sua estreia absoluta apenas em 1 de outubro de 2005, na Casa da Música do Porto.

As duas outras obras em programa, relacionam-se com o mundo da dança: em primeiro lugar, *El sombrero de tres picos* de Manuel de Falla, bailado escrito por encomenda de Sergei Diaghilev destinado a ser coreografado por Massine. Estreado em 1919, baseia-se numa novela de Pedro Antonio de Alarcón e é profundamente enraizado nas músicas e danças espanholas, prestando uma enorme homenagem a muitas delas (Farruca, Fandango, Seguidillas, Jota).

Finalmente, o *Bolero* de Maurice Ravel, que foi escrito para grande orquestra em 1928 e teve a sua estreia na Ópera de Paris em 1928. Tornou-se a partir de então a mais popular obra do compositor. Também baseada numa dança espanhola, é uma peça única no decorrer da qual um tema em vez de sofrer desenvolvimento ganha efeito por acumulação, ou seja, pelo facto de ser insistentemente repetido e ganhar força pela congregação cada vez maior de instrumentos da orquestra. Uma alucinante viagem do *pianissimo* ao *fortissimo*.

Pedro Amaral*Direção musical***Orquestra Gulbenkian**

**Festival Estoril Lisboa
Fundação Calouste Gulbenkian**

Parceiros

19 E 20 JUL | 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS*(música)***JOVENS TALENTOS**

O concerto *Jovens Talentos* será um abraço. Um abraço que permitirá unir os dois corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos – a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos – e um grupo de jovens solistas instrumentais e vocais num variado programa, que conglomerará ópera, música de concerto, musical, bailado, zarzuela. Reviveremos eternas páginas de grande ópera (*Aïda* de Verdi), revisitaremos conhecidas páginas de bailado (*Dança do Sabre de Gayaneh* de Aaram Katcharurian), recordaremos apelativas páginas de musical (*My Fair Lady*), evocaremos páginas de populares zarzuelas (*A Boda* de Luis Alonso), poderemos conhecer – ou recordar – páginas de repertórios menos divulgados, como a *Fantasia brilhante sobre a ópera Rigoletto de Verdi* de Luigi Bassi (principal clarinetista do Teatro alla Scala de Milão, entre 1846 e 1853), ou o *Concerto para harpa e orquestra* de Glière) e poderemos ainda rememorar a mais apelativa grande música norte-americana com o *Candide* de Leonard Bernstein. Enfim, latitudes, tradições, gerações, géneros diferentes em comunhão num exercício cosmopolita como quase só a música permite vivenciar.

Diogo Costa*Direção musical***Bárbara Barradas***Soprano***Leonel Pinheiro***Tenor***Beatriz Cortesão***Harpa***João Sousa***Clarinete***Henrique Pimentel***Movimentos cénicos***Orquestra Sinfónica Portuguesa****Antonio Pirolli***Maestro titular***Coro do Teatro Nacional de São Carlos****Giampaolo Vessella***Maestro titular*

21 JUL | 21H30

NOITES VERDI*(projeção de ópera)***IL TROVATORE**

Il trovatore, cuja estreia ocorreu em Roma a 19 de janeiro de 1853, é o segundo título a ser apresentado nas *Noites Verdi* do Festival e é, também, a segunda ópera da chamada *Trilogia Popular* do compositor italiano. Baseada no romance *El Trobador*, de Antonio García Gutiérrez, é uma das várias óperas verdianas cuja ação decorre em Espanha. Tem sido considerada como um dos mais veementes paradigmas da ópera romântica italiana: pelas suas extremadas paixões; pela quase contínua presença da noite; pela avassaladora importância da morte e do amor; pelo facto de basear-se numa adaptação profundamente livre de episódios e personagens da Idade Média; pela presença do “exotismo” consubstanciado pela presença cigana.

Embora a personagem titular da ópera seja o trovador Manrico, a sua mais importante e desmesurada figura é a da cigana Azucena (Verdi considerou mesmo intitular a ópera Azucena), uma das mais demenciais figuras criadas pelo compositor, uma mulher de paixões e desvarios emocionais extremos que vê morrer queimada a sua mãe e mata o próprio filho. Com ela foi pela primeira vez criado aquele que viria a ser o chamado meio soprano verdiano, voz dotada de enorme extensão, com cor escura e capaz das tiradas mais enérgicas e violentas. A obra obviamente não se esgota nesta figura. A todas as principais personagens são oferecidos trechos dos mais amados, apaixonados e conhecidos da produção operática romântica: as árias *D'amor sull'ali rosee*, de Leonora, e *Il balen del suo sorriso*, do Conde de Luna, ou a enérgica tirada *Di quella pira* de Manrico são disso exemplo. Guerra, paixão, loucura, noite, morte, eis os ingredientes de *Il trovatore*.

Maurizio Benini*Direção musical***Giuseppe Verdi***Música***Francisco Negrín***Direção de Cena***Louis Desiré***Cenografia e figurinos***Bruno Poet***Iluminação***Andrés Máspero***Direção de coro*

**Teatro Real de Madrid, Ópera de Montecarlo,
Royal Danish Opera de Copenhaga**

Coprodução

**Teatro Apollo de Roma, 19 de janeiro de 1853
Teatro Real de Madrid, 16 de fevereiro de 1854**

Estreia

23 E 24 JUL | 21H30

**KETUK QUARTET E
BATUCADEIRAS DAS OLAIAS***(música)***MÚSICAS DO MUNDO**

Como aconteceu em anteriores edições (em que tivemos músicas de Macau, de Moçambique, da Mongólia e de tantas outras regiões mais um programa *Músicas do Mundo* no Festival! Desta vez com dois agrupamentos que celebram a juventude, a alegria e a fraternidade.

Por um lado, o Ketuk Quartet (*ketuk* é palavra indonésia que significa pulso), agrupamento que tem encontrado na percussão uma forma de exprimir, segundo palavras dos próprios instrumentistas, *tudo o que encontramos à nossa volta*. Apresentando-se com instrumentos tradicionais e com alguns outros que não deixarão de espantar o público, estes jovens músicos vêm propor um programa variado (*“Tribo de marcianos”, “Trio per uno”, “Omphalo Centric Lecture”*) onde não falta sequer uma homenagem à ópera (*Habanera* da *Carmen* de Bizet num arranjo para quarteto de percussão). Os Ketuk Quartet, que já se notabilizaram no Prémio Jovens Músicos, até na sua apresentação visual manifestam a exuberância, a modernidade e a alegria contagiante da juventude. Esteja presente e saiba porque é que o conjunto é conhecido como o quarteto das camisas estampadas.

Depois, teremos a presença das Batucadeiras das Olaias, dedicado à performance do *batuku*. Este grupo formado por homens e mulheres cabo-verdianos residentes no Bairro Portugal Novo nas Olaias, em Lisboa. Vêm apresentar-se com um programa intitulado *Cá bu fadiga*. Este agrupamento surgido no âmbito da Associação de Moradores Paz Amizade e Cores (AMPAC), tem como objetivo a partilha, a divulgação, a reivindicação e a exaltação da história, da memória e da cultura cabo-verdianas. Para isso, escolheram celebrar o *batuku*, representação central da cultura de Cabo Verde e das comunidades cabo-verdianas na diáspora.

Uma noite, pois, onde serão celebrados através da música e do ritmo, impulsos que norteiam o presente festival: juventude; alegria; e a suprema liberdade que só a arte consegue traduzir.

26 E 27 JUL | 21H30

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA E CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS (ópera)

CAVALLERIA RUSTICANA

Cavalleria rusticana (em português, *Cavalheirismo rústico*) é uma ópera em um ato de Pietro Mascagni, estreada a 17 de maio de 1890 em Roma. Baseia-se numa novela com o mesmo título de Giovanni Verga e é geralmente considerada como a mais importante primeira obra do verismo, movimento que na ópera italiana foi o equivalente ao realismo ou naturalismo literário, pois procurava ilustrar a realidade social nua e crua, sem o filtro do amor que os românticos impunham como motor e visão do mundo.

A ação decorre numa aldeia da Sicília e nela se desenrola uma sangrenta história de ciúme e morte, temperada com algumas das características que o movimento realista procurava ilustrar, como fenómenos de religiosidade exacerbada, descontrolo emocional, atraso civilizacional. Aqui está patente uma visão puramente carnal, violenta e desapaixonada do amor. Conta-nos a história de Santuzza, que vive amancebada com Turiddu. Este interessa-se por Lola, casada com Alfio, cujos desejos a levam a cometer adultério. Santuzza, enlouquecida pelo ciúme e para se vingar, revela o facto a Alfio. Este, resumidamente, desafia Turiddu para um duelo e mata-o à facada para vingar a honra. A ópera, de um dramatismo quase linear, contém um enorme apelo melódico que todos os públicos continuam a sentir. Os músicos na viragem dos séculos XIX para XX, saudaram-na como

novidade. Quando surgiu, de facto, foi considerada “moderníssima” e acolhida entusiasticamente. Vianna da Motta, por exemplo, que assistiu em 1891 a uma récita da obra na Alemanha (um ano após a estreia mundial) considerou-a um salutar contraponto ao “envelhecido” Verdi, tendo deixado escrito: *Finalmente, começou uma nova época na ópera, finalmente, apareceu algo de novo, original, livre de imitação. Finalmente, a descoberta de novas terras, finalmente, uma nova constelação.*

Antonio Pirolli

Direção musical da Orquestra Sinfónica Portuguesa

Claire Barnett-Jones *Santuzza*

Carlos Cardoso *Turiddu*

Angel Odena *Alfio*

Vesselina Kasarova *Mamma Lucia*

Ana Sofia Ventura *Lola*

Henrique Pimentel *Movimentos cénicos*

Orquestra Sinfónica Portuguesa
Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Giampaolo Vessella

Maestro titular do coro

28 JUL | 21H30

NOITES VERDI

(projeção de ópera)

NABUCCO

Nabucco é o terceiro e último título apresentado nas *Noites Verdi* do presente Festival, embora tenha sido aquele que foi escrito cronologicamente em primeiro lugar. Estreada a 9 de março de 1842, a ópera antecede em quase uma década a *Trilogia Popular*. O libreto de Temistocle Solera baseia-se na história do rei Nabucodonosor II e centra-se no cativo dos judeus na Babilónia. Foi a primeira ópera do compositor (então com 29 anos) a obter um fenomenal sucesso e com ela Verdi impôs-se como o mais importante compositor de ópera italiano do seu tempo. Para esse sucesso contribuíram o apaixonante tom melódico, os ritmos enérgicos e contagiantes usados em toda a obra, a figura comovente de *Nabucco*, a poderosa criação de Abigaille e da sua demência pelo poder. Porém, o que sobretudo tocou o público foi o coro *Va, pensiero* (popularmente conhecido como *Coro dos escravos hebreus*). A sua envolvente e apaixonante melodia (uma verdadeira canção para coro), que expressa as saudades da terra natal e os desejos de a ver livre, imediatamente apaixonou os italianos. Estes, que sofriam então a ocupação austríaca no norte de Itália, imediatamente se identificaram e reviram naquela saudade e no desejo de liberdade dos hebreus. O trecho tornou-se mesmo símbolo musical do nacionalismo italiano da época.

Nicola Luisotti

Direção musical

Giuseppe Verdi

Música

Andreas Homoki

Direção de cena

Wolfgang Gussmann

Cenografia

Wolfgang Gussmann, Susana Mendoza

Figurinos

Franck Evin

Iluminação

Fabio Dietsche

Dramaturgia

Andrés Máspero

Direção de coro

Opernhaus de Zürich

Produção

Opernhaus de Zürich, Teatro Real de Madrid

Coprodução

31 JUL E 1 AGO | 22H

**ESTÚDIOS
VICTOR CÓRDON** *(dança)***TERRITÓRIO VII**

TERRITÓRIO é um programa dedicado a jovens bailarinos(as), entre os 14 e os 18 anos, provenientes de escolas de dança de todo o país. Acolhendo anualmente coreógrafos(as) de relevância internacional, este ano o programa propõe a montagem de *Kaash (excerto)*, obra-charneira do britânico-bangladechiano Akram Khan, e uma nova criação do coreógrafo norte-americano Jermaine Spivey. O espetáculo conta ainda com um filme do realizador João Sanchez, vencedor do prémio Território | Estúdios Victor Córdon, na categoria de Melhor Realizador Nacional no InShadow – Lisbon ScreenDance Festival 2023.

NOVA CRIAÇÃO**Jermaine Spivey***Coreografia***REBENTO** (Filme)**João Sanchez***Realização***KAASH** (Excerto)**Akram Khan***Coreografia***Akram Khan, Jermaine Spivey***Coreografias***João Sanchez***Realização*

Adriana Gomes, Afonso Faria, Bruna Vilhena, Carolina Xavier, Francisca Branco, Madalena Leal, Natalia Lopez Fonseca, Rosário Chaves, Rui Portela, Tiago Neves, Tomás Correia e Violeta Martins

*Interpretação***Estúdios Victor Córdon***Produção***Fundação Millennium bcp***Mecenas principal do programa*

InShadow – Lisbon ScreenDance Festival, Teatro Nacional São João, Teatro Aveirense, Teatro José Lúcio da Silva

Parceiros

FAMÍLIAS AO LARGO

(ateliers para crianças e famílias)

13 JUL | 10H

DANÇAR E BALANÇAR NO LARGO

Quando nascemos, a primeira coisa que fazemos, ainda antes de andar, é balançar. E se balançássemos olhando o sol, as nuvens, os pássaros, os edifícios, os elétricos e as pessoas? E se dançássemos seguindo os seus sons, ritmos e movimentos? Vamos dançar e balançar fora das portas do Teatro, no largo que acolhe a dança e a música em mais uma edição do Millennium Festival ao Largo.

Sílvia Santos *bailarina*

Orientadora

Companhia Nacional de Bailado

Produção

Crianças dos 4 aos 12 anos

Destinatários

Inscrição online obrigatória

Consultar festivalaolargo.pt

20 E 27 JUL | 10H

VAMOS À ÓPERA

Excertos de A Flauta Mágica, W. A. Mozart

Vamos apender uma parte de uma ópera, fora das portas do Teatro, no largo que acolhe a dança e a música em mais uma edição do Millennium Festival ao Largo.

Conceição Brandão de Sousa *curadoria*

**Teatro Nacional de São Carlos
Academia de Amadores de Música**

Produção

Crianças dos 6 aos 9 anos

Destinatários

Inscrição online obrigatória

Consultar festivalaolargo.pt



Patrocinador principal



Parceiro institucional



Parceiro



Media Partner



Apoios



Mecenas principal do programa Território



Parceiros do programa Território

